



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

**PAULO GILBERTO DE OLIVEIRA E
ELIZABETH TERESINHA D'ANDREA DE OLIVEIRA**

(depoimento)

2005

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-87

Entrevistado: Paulo Gilberto de Oliveira e Elizabeth Teresinha D'andrea de Oliveira

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: ESEF/UFRGS

Entrevistadores: Karine Dalsin e Camile Romero

Data da entrevista: 18/01/2005

Transcrição: Vicente Cabrera Calheiros / Marco de Carvalho

Conferência Fidelidade: Vicente Cabrera Calheiros / Marco de Carvalho

Copidesque: Marco de Carvalho

Pesquisa: Ana Maurmann / Marco de Carvalho

Fitas: (3 fitas) 87/01-A, 87/01-B, 87/02-A, 87/02-B, 87/03-A e 87/03-B

Total de gravação: 175 minutos

Páginas Digitadas: 36

Catálogo: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 01929/2008/01

Número de registro da fita: 01929/2008/01 a, b e c

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

OLIVEIRA, Paulo Gilberto de; OLIVEIRA, Elizabeth Teresinha D'andrea de. *Paulo de Oliveira e Elizabeth de Oliveira (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2008.

Sumário

Início do envolvimento com o esporte, com a ESEF; participação em bolsas; viagem para a Alemanha; concurso para entrar como professor na ESEF-UFRGS; convênio com a Alemanha; período como diretor da Escola; como conheceu sua esposa. Elizabeth: como iniciou seu envolvimento com o esporte, mais especificamente o tênis; a entrada para a Escola, com a disciplina de tênis; trabalhos fora da Escola.

Porto Alegre, 18 de janeiro de 2005. Entrevista com Paulo Gilberto de Oliveira e Elizabeth de Oliveira, a cargo das entrevistadoras Karine Dalsin e Camile Romero, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

K.D. – Carioca, eu gostaria de começar a entrevista lhe perguntando como começou seu envolvimento com a ESEF¹.

P.O. – Bem, eu sempre fiz esporte, praticamente a minha vida toda. Eu vim aqui para o sul, porque eu sou gaúcho, não sou carioca, eu fui para o Rio² com um ano, e voltei com dezesseis. Quando cheguei aqui, meu irmão morreu, desastre na fábrica, então a situação em casa era muito difícil, minha mãe chorava o dia inteiro, meu pai chorava o dia inteiro, então o que eu fiz? Fugi para a rua porque não queria ficar em casa. Então comecei muito cedo a praticar esporte, por sorte [palavra inaudível] eu era muito grande, eu tinha esse tamanho que tenho. Hoje não sou tão grande, mas eu era muito grande e muito forte para aquela idade. Então, comecei na Sogipa³ que me viram um dia lá correndo na pista e o cara me convidou, o professor Fredolino⁴, que foi professor da Escola também, que nem sei se está vivo. Me perguntou se eu não queria treinar atletismo, me perguntou a minha idade. Eu tinha dezesseis anos, os caras caíram para trás porque eu já tinha 83 quilos, de massa. Eu fui criado na beira da praia no Rio, em Ipanema, então sempre fiz esporte na praia, voleibol de praia que não existia aqui, eu fiz desde guri. Então era muito bem fisicamente. Sempre fiz esporte, sempre gostei e sempre quis fazer educação física, a minha idéia sempre foi fazer educação física, nunca tive idéia de fazer um direito, ou medicina, a minha linha era fazer educação física. Em 1964 [palavra inaudível] uma história bem conhecida. Em 1964 fui fazer o vestibular e tinham as provas práticas, que vocês não tem hoje [palavra inaudível]. Eu fiz as provas práticas com os pés nas costas, porque eu nadava muito bem, jogava qualquer esporte muito bem. Não era assim, da seleção brasileira, mas sabia jogar bem. No exame medico, nós tínhamos uma série de exames, exame de sangue, disso, daquilo, uma série de exames médicos que a gente apresentava na hora da prova. Eu estava com meus exames e não sei o que fizeram que perderam meu exame, quando eu

¹ Escola de Educação Física - UFRGS

² Rio de Janeiro, Estado Brasileiro

³ Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

⁴ Fredolino Adalberto Ricardo Taube.

entrei para falar com a banca de exame que eram três médicos, depois ficaram amigos meus, mas eu tinha um ódio mortal deles. Eu era muito gago, quando ficava nervoso ficava muito gago. Gaguejava muito. Perderam meus papéis, eu tenho que fazer uma prova de ingresso para a Escola. Eu entrei em [palavra inaudível] e não falava quase. E eles olharam aquilo e ficaram meio assim... E resolveram me rodar na prova de ingresso, como aluno, porque eu era gago, mas para não dizer que eu era gago, disseram que eu tinha coração de atleta. Claro que eu tinha de ter coração de atleta, era um cavalo fisicamente e treinava seis horas por dia. Hoje vocês sabem que coração de atleta é desenvolvido mesmo. Rodei, passei aquele ano fora. Comecei trabalhar em banco, tava muito bem no banco. E no principio do ano fizeram vestibular de novo, eu não fiz vestibular, mas entraram muito poucos alunos, seis ou sete alunos e rodou todo mundo. Não sei o que deu [palavra inaudível] na prova de escrita que rodaram todos. Então o professor da Escola que era muito amigo meu, era da Sogipa, me conhecia, era o professor Milton Cunha⁵, aposentado pela Escola, era diretor também. Veio atrás de mim: “Tu vai fazer o vestibular de novo”. Eu disse que não ia fazer porque me rodaram na prova e eu vou passar vergonha de novo. E aquilo ali foi uma derrota. “Vai lá que eu já conversei com os caras e eles sabem que tu não é o que eles pensam que tu é”. “Está bem, mas vou fazer por fazer”. Então fui lá, fiz as provas básicas, passei [palavra inaudível] de novo, como eu disse e entrei na sala dos médicos que eram Dr. Gusmão⁶, Dr. Mariangelo⁷ e Dr. [palavra inaudível]. A Escola, naquela época, tinham médicos, tinham plantão médicos. Se fossemos para a aula e ficássemos doentes, nós tínhamos médicos que nos atendiam para dar dispensa médica. Tinha enfermeiros, um monte de coisa que hoje em dia não existe lá.

K.D. – Tinha massagista?

P.O. – Massagista?

K.D. – Massagem [palavra inaudível].

P.O. - Eu entrei na sala, [palavra inaudível], como quem como quem diz andando. Então eles começaram a me perguntar algumas coisas e eu responder e disseram: “Tu não é

⁵ Milthon José Cunha

⁶ Nome sujeito à confirmação

gago?” e nem tinha prova disso, não existia prova de voz. “Lembra aquela vez os caras em mim [palavra inaudível], perderam meus papéis todos, eu entro aqui para fazer uma prova, como é que vocês queriam que eu entrasse... Claro que eu entrei gago, eu quando ficava nervoso ficava gago...”. “Então vamos fazer assim, tu vai entrar na Escola condicional. Vamos colocar na tua ficha médica, que tu é condicional. Se vermos que não deu, então tu sai”. E eu nessas alturas queria entrar. Então, vamos lá, condicional. Eu nunca, durante três anos de curso, tirei uma NP. Eu, por estar gripado, por exemplo, nunca deixei de ir a uma aula, eu gostava. Gostava tanto que gozava com eles, o que era doidinho nunca veio aqui, mexia com eles. Fiquei muito amigo deles depois. Claro, os três ficaram com culpa. Então me formei em 1967 e me formei bem, até a minha turma foi muito parelha, uma das melhores turmas que teve na ESEF em matéria de alunos que saíram.

K.D. – Qualidade de alunos...

P.O. – Qualidade... Saiu o Arno⁸ que foi professor em Cruz Alta⁹ e agora está em Santa Catarina¹⁰, [palavra inaudível], o Lorival¹¹ que é de Santa Catarina, Gilberto¹² aquele famoso do futebol, que era da minha turma. Minha turma era muito boa e nós éramos onze jovens só e as gurias eram um pouco mais. E tínhamos de estar sempre juntos porque até jogo [palavra inaudível]. Nós tínhamos que estar os onze, se faltava um não, tinha onze. Me formei em 1967 e fui dar aula no Anchieta¹³ e no Farroupilha¹⁴, os dois melhores colégios de Porto Alegre¹⁵, exatamente pelas aptidões físicas que eu tinha. Eu era muito conhecido por causa do esporte, eu jogava vôlei na Sogipa, jogava basquete na Sogipa, nadava e era bom, era um nadador bom, mas nunca fui campeão em natação porque comecei muito velho. Nadava na praia no Rio. Quando vim para cá já estava com dezesseis anos, já estava muito velho para natação. Natação tu sabe, tem que começar novinho. Nos cinquenta metros eu era um cavalo [palavra inaudível]. Então eu me formei, peguei os dois

⁷ Nome sujeito à confirmação

⁸ Provavelmente referindo-se ao professor Arno Black

⁹ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

¹⁰ Estado Brasileiro

¹¹ Nome sujeito à confirmação

¹² Nome sujeito à confirmação

¹³ Colégio Anchieta, fundado em 13/01/1890.

¹⁴ Colégio Farroupilha, fundada em 1886.

¹⁵ Capital do Estado do Rio Grande do Sul

melhores colégios, depois fiz concurso para o Julinho¹⁶. O Júlio não era assim. Naquela época tu não entrava contratado, tinha um concurso para professor do Júlio. E teve o concurso e entrei em segundo lugar. Então, eu tinha o Julinho, o Anchieta e o Farroupilha que eram considerados os três melhores colégios de Porto Alegre da época. Foi um trabalho bom. Em 1969 abriu um concurso... Mas a Escola naquela época ainda era do estado, não era da UFRGS¹⁷, era estadual [palavra inaudível], por isso que tinha antigamente Escola Superior de Educação Física, porque depois passou a ser Escola de Educação Física, porque nós tínhamos que ter aquele adjetivo. Eu fiz o concurso de cinco matérias [palavra inaudível] atletismo, natação, remo, handebol e tênis. Então, vocês viram que para o cara conseguir fazer as cinco matérias era difícil, porque são coisas bem diferentes, atletismo e remo, tênis. Mas eu, graças a Deus, fazia tudo bem, menos remo. Remo era o meu fraco, coisa incrível. Eu não tinha equilíbrio dentro do barco, entrava dentro do barco [palavra inaudível], depois que eu sentava no barco eu remava, mas, até sentar no barco e sair com o barco, era uma confusão. A prova teórica foi de cinco matérias e caíu três matérias práticas para dar aula. Então, conseguiram uma turma de alunos e nós tínhamos que dar uma aula sobre aquela matéria, [palavra inaudível]. Eu peguei as bolinhas, sabia que a bola de número três era o remo, eu peguei as bolinhas que passavam na mão [palavra inaudível]. Aí eu fui pegar a terceira bolinha, tive que dar aula de remo. Então tive que pegar a turma, ir para o GPA¹⁸ e dar uma aula de remo. Tive que aprender tudo sobre remo, porque eu tinha tido aula de remo, na Escola, na minha época, eu tive aula de todos os esportes. Hoje em dia, a parte prática é muito menor, é mínima. Eu tive, por exemplo, atletismo, judô, remo, natação, basquete, vôlei, futebol, boxe, todos os esportes praticamente a gente tinha. A parte teórica era menor. Era assim: as aulas começavam as 07:15 da manhã e iam até as 09:00, teorias, três aulas teóricas. As 09:00, nós tínhamos quinze minutos para fazer um lanche e tínhamos aula, quatro aulas práticas até as 12:30. Então, era bem corrido [palavra inaudível]. As teóricas eram aquelas até as 09:00 e depois, das 09:15 as 12:30, era parte prática. Então, tu já viu que até fisicamente nós éramos muito completos. Três horas seguidos de esporte. Só que nossa briga era o

¹⁶ Escola Estadual de Segundo Grau Julio de Castilhos, fundado em 23 de março de 1900.

¹⁷ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

¹⁸ Club de Regatas Guaíba-Porto Alegre - Em 28 de novembro de 1936, o Club de Regatas Porto Alegre (antigo Ruder-Club Porto Alegre) fundiu-se com o Club de Regatas Guahyba (antigo Ruder-Verein Germania), resultando o Club de Regatas Guaíba-Porto Alegre, o GPA. Manteve-se como data de fundação a do Ruder-Club Porto Alegre (21 de novembro de 1888) razão pela qual o GPA é considerado o clube de remo mais antigo do Brasil.

serviço, porque tinha que sair da Escola um pouco antes da aula. Tinha que pegar um táxi para chegar no banco [palavra inaudível]. Fiquei lá quatro anos, começava as 12:30. Aí eu não tinha tempo de almoçar. Eu morava na frente do banco e pedi para o gerente, era o seu Araújo¹⁹: “Seu Araújo, deixa eu ir em casa, almoço, entro um pouco mais tarde que os outros, mas fico no final mais uma hora botando o expediente. Eu compenso esses minutos que eu chego tarde”. Ele disse: “Não vou abrir exceção para ninguém”. Aí eu tinha que mandar um [palavra inaudível], comprar um sanduíche farroupilha para mim e uma Coca-Cola e comer na patente, escondido. Não podia comer no cantinho, tinha que ir comer na patente o meu sanduíche e a minha Coca-Cola. Tu vê só que sacrifício, era brabo. Essa história é interessante que mais tarde, o filho desse gerente, foi ser aluno meu no IPA²⁰, na Escola de Educação Física. Vocês devem conhecer ele, é aquele careca que faz as propagandas para o Thevan²¹, lembra? O Thevan que sempre tem um careca, já é antigo, o Paulo Roberto Araújo, e eu dizia: “Poxa Araújo, se eu fosse igual ao teu pai”. Mas eu fiz a Escola em três anos e comecei a dar aula fora. Isso foi em 1969. Em 1969, a Escola passou a ser Federal, em agosto de 1969. Aí aquela história de brasileiro: “Ah não, não vamos botar muita gente [palavra inaudível] de professores porque se não, não vou contratar todo mundo. Então, vocês dois que são novos...” que era eu e o Cassel²², vocês já falaram com ele?

K.D. – Sim.

P.O. – Eu e o Cassel ficamos fora da famosa lista. Então, nós fomos aceitos como professores voluntários, um cargo que não existe e não pode existir em nenhum órgão federal. Mas nós não sabíamos [palavra inaudível] qualquer hora. Aí eu descii no meio, 1969, 1970. No final de 1970 apareceu uma bolsa para a Alemanha, era um curso de um ano, uma especialização e eu e a Beth²³ éramos namorados: “Bom, vamos tentar”. E fomos para o Consulado. Disseram que não havia bolsa para a Alemanha da educação física, mas nós dissemos que sabíamos que tinha a bolsa, mas o [palavra inaudível] e o escritório dele era pior do que o da minha mulher [risos]. Era um horror a mesa dele. Ele disse que não, da

¹⁹ Nome sujeito à confirmação

²⁰ Instituto Porto Alegre - Rede Metodista de Educação do Sul.

²¹ Loja de roupas

²² Mario César Cassel.

educação física não tinha, mas “Espera aí, acho que da educação física tem”. Começou a mexer em alguns papéis, eu pensei que ele não ia achar nunca [palavra inaudível]. Uma moça nos informou, sabia que tinha e ela ficou grávida e não tinha como concorrer e cantou para gente. Daqui a pouco, ele achou e disse que tinha uma bolsa de um grupo latino-americano que vai para a Europa e do Brasil são cinco: “Vocês querem fazer a prova? É lá no Rio²⁴ e tem que ir por conta própria” [palavra inaudível]. Bom, vamos tentar. E, antes de nós, tinha ido nessa mesma bolsa o professor [palavra inaudível] e o professor Arno Black. Sabíamos que era boa. Então nós fomos no Rio, tínhamos uma aliança muito grossa, naquela época das alianças grossas de noivos, chegamos lá, tinha carioca, paulista, até de Manaus²⁵ tinha. Chegamos e fizemos uma entrevista, mais ou menos bem, eu achei. Ela não sabia muito como tinha ido e nós tínhamos que voltar antes para cá porque tinham eleições, era 20 de novembro [palavra inaudível]. Fizemos a entrevista e, daqui a pouco, o alemão entrevistador nos chama, chamou a nós dois e disse: “Olha, nós vimos que vocês são noivos”. Claro, com aquela baita aliança que nós tínhamos. “Se somente um ganhar, vai na bolsa de estudo?”. Nós dissemos não, [palavra inaudível]. Nós combinamos que, se só um ganhar, não vamos, não vai. “Só vamos se os dois forem”. E pensamos que perdemos a bolsa [palavra inaudível]. Passou um tempo e o professor Becker²⁶ mandou chamar “Olha, quero falar com vocês”. Ficamos meia-hora esperando ele na sala de espera. Daqui a pouco, entra ele na sala: “Me desculpem” - ele é bem alemão - e nós: “Bom, se não deu, não deu, vamos fazer outras”. E ele disse “Mas deu a bolsa”. E ela disse assim: “Mas deu para mim também” [palavra inaudível] e nós podemos casar para ir. “E o que os alemães tem a ver com isso”. Deu o maior problema com isso porque o alojamento era para solteiros, individuais e, depois de um tempo, eles tiveram que arrumar um alojamento de casal para nós. Nós ficamos... Não, deixa eu contar uma coisa antes. Fui indicado pela Escola, pelo diretor da Escola [palavra inaudível] como professor da Escola de Educação Física da UFRGS, mas eu era voluntário, como candidato da Escola para a bolsa. Quando voltei estava vibrando e cheguei: “Bah professor, ganhei a bolsa” e ele disse: “Mas tu acha que vale a pena tu ir?”. Eu disse que sim porque era na Alemanha. Ele disse que eu estava rindo agora, mas na volta ia chorar [palavra inaudível] e eu era assistente desse professor, comecei a fazer esporte com ele, atletismo, mas ele era

²³ Elizabeth de Oliveira, esposa do entrevistado

²⁴ Rio de Janeiro, cidade Brasileira

²⁵ Cidade Brasileira

²⁶ Nome sujeito à confirmação

aquele cara correto demais. Basta dizer que ele entrou como diretor da Escola e a UFRGS mandou uma [palavra inaudível], aquele que toda unidade tinha. Ele devolveu para a UFRGS porque ele tinha a “kombi” dele [palavra inaudível]. Eu disse para ele arrumar alguém para dar as minhas aulas porque estou indo para a Alemanha [palavra inaudível]. “Eu prefiro chorar agora e rir na minha volta”. “Ah, tu ficou bravo?”. “Não fiquei bravo”. Mas é claro que eu fiquei bravo, mas mantive a linha e fui. E lá todo tempo eu era aceito como professor da Escola de Educação Física [palavra inaudível]. Quando eu voltei em 1972, 1973, abriu um concurso de novo e fiz o concurso novamente. Naquele anterior, não valeu porque era na época do estado e esse foi federal, eu fiz concurso federal de novo e entrei como [palavra inaudível]. Aí entrei para dar as minhas matérias, que eram atletismo... Não... É sim, atletismo e natação, eram duas cadeiras [palavra inaudível] aquela mania de pegar cinco cadeiras e passei em primeiro lugar e entrei. Na minha entrada na Escola, como eu era eclético, de vários esportes, por isso que eu te disse, tem muita coisa que eu não dei, sempre que faltava um, que ficava doente ou viajava [riso]. Então eu dei, atletismo, natação, handebol, voleibol e, quando faltava alguém em alguma coisa, entrava o Carioca para dar aula. Então, eu dei aula de quase tudo, de quase todas as cadeiras. Depois eu fiz concurso para assistente, novamente tirei primeiro lugar. Depois, mais tarde, fiz concurso para adjunto, passei também e depois eu consegui para a Escola um convênio. Comecei a me comunicar com a Alemanha, isso é o maior sentimento que eu [palavra inaudível]. Colônia²⁷ é a melhor Escola do mundo, considerada. Para ter uma idéia, Colônia tem 27 estádios esportivos, *dentro da Escola*, são seis mil alunos, eu tanto mexi com a Alemanha [palavra inaudível], fui umas tantas vezes para lá, fui com o Cassel para lá e conseguimos estabelecer um convênio com a Alemanha e seguido iam alunos nossos para fazer estágio. E os caras deixaram morrer o convênio. Quando eu sai, eles deixaram morrer, porque para Portugal e Barcelona²⁸ é bem mais fácil, claro, a língua. Deixaram morrer [palavra inaudível] nem sei se está funcionando mais. Mas, de dois em dois anos, eu pedia aquele meu tempo de serviço, eu queria aqueles dois anos. Dei dois anos aula de graça. Eu pedi os dois anos de serviço e me negaram, nunca ia ao procurador-geral que é o chefe da UFRGS, sempre parava no meio, devolvia porque não tinha direito. Até que um dia o cara me deu uma fechada na frente, demoliu o meu carro e fugiu, era um bandido. Coloquei um processo no cara [palavra inaudível] nunca mais achei o cara, mas a UFRGS

²⁷ Universidade de Colônia, localizada na cidade de Colônia na Alemanha

²⁸ Cidade Espanhola

me chamou porque entrou um processo. Sempre que alguém da UFRGS tem algum acidente, alguma coisa, a UFRGS da alguma orientação, se não tem advogado a UFRGS coloca um advogado [palavra inaudível]. “Posso te perguntar uma coisa?”. Ele disse que sim: “Eu sempre pedi dois anos de serviço e sempre me negaram na UFRGS de 1969 a 1971. Eu fiz concurso e tudo mais...”. Ele perguntou se eu tinha como provar. Eu disse que tinha todos cadernos de chamada, eu não devolvi os cadernos de chamada, estão todos na minha casa, eu roubei os cadernos de chamada todos [palavra inaudível] porque um dia... Eu achava o seguinte: se eu não era ninguém para dar aula, tinha um fantasma para dar aula para aquelas turmas. Agora, eu fazia as provas para eles, eu passava eles, eu dava as notas deles [palavra inaudível]. Aí ele me disse: “Mas como que fizeram isso contigo?”. Um dia que qualquer pessoa dê aula na UFRGS [palavra inaudível]. Não pode. É proibido por lei que uma pessoa de fora dê aula na UFRGS. Ser convidado para uma palestra é uma coisa, *uma aula*, eu participava das provas do vestibular, era banca sempre [palavra inaudível] só que não ganhei o dinheiro, ganhei o fundo de garantia e os dois anos, por isso que eu saí aposentado cedo. Saí aposentado mais cedo porque ganhei aqueles dois anos. Depois disso, dessa bolsa, comecei a dar na Escola de handebol. Foi outra cadeira que eu dei. As minhas turmas [palavra inaudível] e depois o professor Camargo²⁹, já bateram um papo com ele?

K.D. – Ainda não.

P.O. – Francisco Camargo Netto.

K.D. - Está de férias.

P.O. – Ele está trabalhando na PUC³⁰, estava, mas ele fez concurso de novo. O Camargo [palavra inaudível]. Quando eu voltei da Alemanha, os caras sabiam que eu tinha praticado: “Adivinha o que tu vai dar agora?”. Por muitos anos, eu dei handebol, era uma das cadeiras que eu dava. Então, eu era um dos que deu mais aula. Eu sempre disse: “Polivante não, ‘poliidiota’, porque os outros dão apenas as aulas que gostam e eu estou dando aula de...”. O ruim é que eu tinha que dar metade das minhas aulas sempre, não

²⁹ Francisco Camargo Netto.

³⁰ Pontifícia Universidade Católica.

podia ter as minhas aulas certas. Nesse semestre tinha aula disso, tinha que dar daquilo, no outro semestre trocava, eu não ia ficar com essas aulas de três anos atrás para dar. Eu entrei como diretor em 1988. Foi a primeira eleição da Escola. Sempre era indicação e os nomes indicados, seis nomes, e o Reitor escolhia um. Eu tinha ido para Santa Maria para fazer mestrado. Tinha ganho diversas bolsas de mestrado, mas eu sempre perdia as bolsas [palavra inaudível]. Uma vez eu fui e não gostei, voltei, a outra vez eu fui e ela estava doente, ela tinha que tirar um rim e eu fui sozinho, a minha filha tinha nascido e ela tinha que operar o rim. Acabou tirando o rim [palavra inaudível], ninguém ficou sabendo que ela tinha tirado o rim. E os caras metendo o pau em mim, mas ninguém precisava saber o porquê eu tinha voltado. Quando estava com 40 anos, os caras resolveram que eu tinha que fazer mestrado: “Vai para Santa Maria fazer mestrado”. Então eu fui...

[FINAL DA FITA 87/01-A]

P.O. – A prova de tênis na época era feita praticamente para quem tinha feito especialização, mas não estava usando matérias que tinham começado como aprendizagem motora, eu não tinha tido. Tinha uma noção por ler, mas não tinha tido aula, então não fui muito bem na prova. Mas a prova de línguas tinha ido muito bem, na entrevista tinha ido bem [palavra inaudível] e foram cinco caras de Maringá³¹, da escola de Maringá, e, quando fomos fazer a prova de língua, era uma tradução de francês, inglês, alemão [palavra inaudível]. Eu fiz em francês e os caras: “Mas tu esteve tanto tempo na Alemanha”. Falar alemão é uma coisa, traduzir é outra [palavra inaudível] e, como eu tinha tido muita base no Rio, eu tinha estudado em um colégio francês - sei rezar em francês até hoje - preferi pegar o francês. Tirei 9,6 na prova. Um dos caras de Maringá entregou a prova em branco, eu pensei: “Menos um”. Entregou a prova em branco, peso 3 que era a prova. “Desse cara eu não perco” e, além disso, [palavra inaudível]. E aí chegou a notícia em Porto Alegre que eu rodei. Perguntei quem passou e disseram que foram aqueles cinco caras de Maringá. “Ah não, tem mutreta aí, não é possível”. Como que iam entrar os cinco caras de Maringá se eu vi um deles entregando a prova em branco [palavra inaudível]. No outro ano, fui fazer de novo, já de teimoso. Fui fazer francês de novo. No meio da prova, [trecho inaudível], ele errou. Ele colocou equipe e era época, mas, se eu não passar por causa daquilo, eu vou... Quando estava saindo, o coordenador do curso, que era [palavra

inaudível] disse: “Bah, Carioca...” - e eu tinha que voltar para Porto Alegre para dar técnica de voleibol na Sogipa - “eu vou te levar até o aeroporto, na base aérea”. Eu disse: “Mas que diferença hein? Ano passado me rodaram e nesse ano me levaram até no aeroporto”. Ele disse: “Mas tu sabe que contigo teve muitas brigas no ano passado”. Deu uma briga de JUGE³² entre Santa Maria e ESEF. Eles estavam nos [palavra inaudível] e eu botei a boca no jogo em um professor deles que estava de juiz de linha, eu briguei com o cara, só não me avancei no cara de bravo. E, quando estava terminando o jogo, Santa Maria estava ganhando de 13 a 07 e a guria colocou a giz no quadro, 14. Aquilo ali para mim foi motivo de parar o jogo [palavra inaudível]. Pode olhar na súmula, perdi a linha. O cara foi na súmula e viu que era 13 a 07 e mandou corrigir o placar. Eu me sentei e pensei que ia levar falta técnica e ia perder o jogo do mesmo jeito. Chamei o cara de palhaço e o cara não me botou para rua e nós ganhamos o jogo. Os caras ficaram... Queriam me matar... Me rodaram na prova por causa disso e eu não sabia porque tinha rodado. E, no outro ano, entrei, fiz o curso lá, mas foi muito sacrificado, deixei a [palavra inaudível] e os filhos aqui, aluguei um apartamento e, a professora de vôlei, teve um câncer no cérebro. Fazia quimioterapia às sextas-feiras, então eu vinha mais cedo de Santa Maria para dar aula por ela. Para mim foi uma briga ir e voltar, preparar aula. Tirei o curso e depois me candidatei para diretor, mas eles... O negócio era assim: 30% para funcionários, 30% para alunos e 30% docentes e eu disse assim: “Os alunos não me conhecem, estive um ano e meio fora, poucos me conhecem” e o De Rose³³ era candidato a vice. Ele disse que faria a campanha e os outros três eram contra o De Rose. As brigas dentro da Escola que até hoje não entendi o que foram aquelas brigas [trecho inaudível]. E “os alunos agora não me conhecem”, mas eu fiz 67% dos votos e entrei como diretor. Fiquei três anos como diretor, 1989, 1990 e 1991. Um dia, estamos em uma reunião de diretores e um que, era diretor da arquitetura, se aposentou de repente [palavra inaudível]. “O que houve como o cara? Vai ver que ele descobriu alguma coisa [palavra inaudível]” e eu fui falar com o Albano³⁴: “Albano, por que ele se aposentou? porque ele estava fazendo campanha para Reitor e de repente pega suas coisas e vai embora”. “Ah não, quantos anos tu tem de serviço?”. Eu disse que tinha 30 anos, mas não como professor [palavra inaudível] e eu tinha 50 anos. “O caso é esse: qualquer pessoa com 30 anos de serviço pode sair aposentada com 80% do salário. Só que,

³¹ Cidade Brasileira

³² Jogos Universitários Gaúchos de Educação Física.

³³ Eduardo Henrique De Rose

³⁴ Nome sujeito a confirmação.

em órgãos federais, tu leva contigo a gratificação mais alta que tu tens. O caso é que diretor não tem salário, tem apenas gratificação. Então se tu podes levar contigo a mais alta, tu pode sair levando 100%. Se tu não fizer isso agora, o Collor³⁵ vai cortar todas as vantagens que vocês tem”. Eu voltei para a Escola pensando se mais alguém tinha isso. Comecei a ver entre os professores quem é que tinha esses [trecho inaudível]. Nós dois preparamos os papéis correndo e saí antes do tempo, mas não saí pensando em me aposentar, saí pelas contingências, já tinha 50 anos. Apresentar 50 anos é uma época que eu devia estar apresentando pesquisa e a minha área de pesquisa [palavra inaudível] é a área da história. A minha dissertação é sobre a história do Rio Grande do Sul, a vinda dos alemães para cá e a introdução de todos os esportes alemães no Rio Grande do Sul. Então estava entrando em bastantes pesquisas nesta área. Tinha sido aceito para doutorado em Colônia, na Alemanha, que é muito difícil. Muitos da Escola tentaram entrar lá e não conseguiram [palavra inaudível], mas história, a historia deles aqui era eu que conhecia, eles não conheciam [riso]. Eles tinham interesse que eu fosse para lá escrever a história deles. O cara me mandava cartas todos os meses perguntando quando eu ia ir [palavra inaudível]. Eu não fui burro. Fui em uma área que para eles é interessante. Estava com minha tese de doutorado pronta, ia fazer lá [palavra inaudível], mas fiquei quase, praticamente, cego, tirando o problema na perna, que eu tirei de letra, estaria sem muleta até, mas me atacou a visão. Eu vejo teu vulto, mas não vejo o vulto dela, mas não vejo feições [trecho inaudível]. O ruim é que me atacou os olhos depois e a minha tese de doutorado estava quase pronta e agora eu consegui um programa que o Bradesco³⁶ dá, que ele lê para ti, tu coloca no “scanner” e o programa lê para ti o que está escrito. Então eu quero ver se recomeço a pesquisa com esse programa que permite que eu trabalhe, já que não posso ler, ele lê para mim. Já tem... O Bradesco meu. É interessante. Tu abre uma conta no Bradesco com 600 reais e eles te cedem este programa especial. Estou para recomeçar as pesquisas nessa área, porque nessa área quem entende sou eu [riso]. E é uma pena porque, se eu largar, vou ter que abandonar, vai se perder uma pesquisa de praticamente oito, nove anos que eu tenho.

K.D. – Em relação ao que o senhor viu na ESEF, sobre a estruturação da Escola, as mudanças no espaço físico na Escola?

³⁵ Fernando Collor de Melo, ex-presidente da república.

³⁶ Banco Bradesco.

P.O. – Não, a Escola melhorou muito, claro. Mas, para ser sincero contigo, depois que me aposentei, saí tão desiludido com a Escola que todos os funcionários fizeram uma festa para mim quando estava saindo como diretor e nenhum professor veio se despedir de mim, nenhum. Fiquei tão sentido com a Escola, eu vivia lá dentro, a minha vida praticamente foi a Escola de Educação Física, *eu nunca mais voltei na Escola*.

C.R. – Mas algum motivo para isso?

P.O. – É que eu fiquei sentido com os professores da [palavra inaudível] que fizeram uma linha política dentro da Escola. Eu nunca tive tendência política nenhuma, nunca fui PT, PSDB, PMDB³⁷, eu nunca fui. Meu partido político era a Escola, até quando entrei para diretor eu fiz campanha para um outro Reitor e o Reitor eleito me chamou e disse que sabia que eu tinha feito campanha para o outro candidato, o professor Alcides³⁸. “E se eu te convidar para diretor agora, tu fica do meu lado?”. Eu disse: “Professor, eu fui coordenador do professor Alcides, mas quem foi eleito para Reitor foi o senhor. Então o senhor é meu chefe agora, pode confiar em mim”. O importante era a Escola. Então, eu fiquei tão sentindo com coisas que fizeram para mim e para Beth. A gente não usava aliança, então a guria achava que nós tínhamos um caso lá dentro. Mas, de certa forma, ela foi muito maltratada dentro da Escola e eu senti muito por causa disso [trecho inaudível]. Quer saber de uma coisa, eu não ganhava nada. Eu, como chefe da banca, não ganhava nada porque era da UFRGS. Disse para não me chamarem mais porque não iria. O ruim fica sendo eu que sou daqui. “Para que vou ser? Pode chamar outro para fazer banca de exame que eu não faço mais”. Porque, como eu fazia diversas coisas, sempre sobrava para mim e eu ia, mas não ganhava dinheiro, não ganhava título, não ganho nada. Deixo de fazer as minhas férias porque tenho que ficar uma semana trancado para fazer as provas e ainda tenho que me indispor com os caras porque eles vão rodar. O cara que passa fica teu amigo para sempre, mas o cara que roda fica teu inimigo para sempre. Eu não vou mais, as vezes que ia, mas na verdade era para ser banca de exame. Então, claro que alguma coisa da Escola eu vi... O último... Aquela sala de ginástica, foi feita na minha época, foi eu quem conseguiu a verba, o vestiário aquele do canto, aquele que é mais perto da pista, tem o barzinho, tinha o barzinho, o terceiro vestiário foi construído por mim também. Mudou

³⁷ Partido dos Trabalhadores, Partido da Social Democracia Brasileira e Partido do Movimento Democrático Brasileiro

muito, o espírito do pessoal muito [palavra inaudível]. Então isso, eu fiquei muitos anos lá, mas agora nem faço idéia de como a Escola está porque faz anos que não vou lá. Os melhores anos da minha vida passei lá dentro. Era manhã, tarde e noite. Porque eu dei todos os [palavra inaudível] de voleibol que teve, da pós-graduação foi eu que dei, trabalhei de manhã, tarde e noite na Escola e pela Escola. E fui professor de pós em Santa Cruz, Pelotas, Bagé³⁹ e Criciúma⁴⁰. Eu ia pela Escola dar a pós lá. Então, a minha vida foi toda dedicada à Escola e, depois, todas as escolas que eu tinha, larguei pela Escola.

K.D. – Pode se dizer que a ESEF foi uma segunda casa?

P.O. – Ah sim, até a primeira, de certa forma [riso].

K.D. – Até a esposa [palavra inaudível].

E.O.⁴¹ – Na verdade, eu amo a ESEF, a ESEF em si, porque ela não são os professores, nem os alunos...

P.O. – Para vocês terem uma idéia, eu tinha muito carisma com as turmas, eu era muito querido pelas turmas e isso, de certa forma... O maior horror para mim era rodar um aluno. Rodar um aluno para mim, eu me sentia mais constrangido ao máximo: “Como eu não alcancei esse cara”.

E.O. – A idéia era exatamente... Claro, tu conquistas as coisas. Se tu roda foi tu quem rodou. Mas, na nossa época, a idéia era [palavra inaudível] tu não tinha conseguido teu objetivo com teu aluno, tu não conseguia passar. A sensação que tenho agora é que a coisa é muito voltada para o aluno. Na nossa época, a idéia era a de transformação, era assim, eu sou responsável por ti. Era muito paternalista nossa educação.

P.O. – Era o maior desespero rodar um aluno meu. Então claro, os alunos gostavam muito de mim, eu dizia assim: “Não vou passar ninguém de graça, mas tem que fazer força para

³⁸ Nome sujeito à confirmação

³⁹ Cidades do Estado do Rio Grande do Sul

⁴⁰ Cidade do Estado de Santa Catarina

⁴¹ Esposa do entrevistado.

rodar comigo”. Até tinha um aluno que rodava na prova de natação final. Era 200 metros quatro estilos. Ele andava 197 metros, quando faltava 3 metros, ele dizia: “Não agüento mais, chega!”. Não havia cristo, ele era traumatizado. Mas um dia teve um ruim, mas era ruim mesmo, eu disse: “Esse aí não vai passar”. Ele me perguntou se podia fazer, disse que sim. No golfinho dele ele já se afogou, não sei como chegou nos 50 metros com o golfinho, passou para costas meio mal, o peito já estava [palavra inaudível] e aí chegou no “crawl” e o Berna⁴² estava na escada descendo. Mas ele voltou e eu disse para ele ir embora...

[FINAL DA FITA 87/01-B]

P.O. – Na piscina, se ele fica boiando ele tem domínio da água. Ele tendo domínio da água, aprende qualquer estilo. Não adianta ele pegar e se atirar e [palavra inaudível], ele não nada, ele está sobrevivendo. Então, faço um teste com o cara, se ele flutuar ele aprende qualquer estilo. Agora não, tinha que nadar 25 metros, 50 metros, aquelas provas eram muito militares. A tendência da Escola é de herança militar. Os primeiros professores, eu tive muitos professores que eram coronéis reformados da brigada, então, a tendência deles era aquela tendência militar. Eu era contrário. Não achava que tinha que ser feito aquilo ali. Uma vez nós não tivemos piscina nenhuma, a prova foi feita no Guaíba, no GPA, tinha profundidade de 9 metros, a outra margem estava lá do outro lado, então, tu entra em uma piscina, a margem está ali, no rio a margem está *lá do outro lado*. Fizemos provas com 600 alunos, eu tirei 65 da água, tive que tirar nadando. Chegou no final, teve uma prova, porque a Escola fez por dois ou três anos provas para não videntes, era o curso de massoterapia, então, eram os cegos. Chegou o professor antigo: “Tem que fazer prova prática com eles”. Eu disse: “Aonde?”. “No Guaíba”, ele disse. “Professor, tu vai botar os ceguinhos na água com 9 metros de profundidade?”. “Ah não, eles tem que mostrar se tem medo da água ou não tem”. [palavra inaudível] eu chegava e pegava e perguntava para eles se eu era forte, pega aqui no meu braço, eles diziam que sim. “Então tu vai entrar junto comigo, ali naquele canto. Tu tens confiança em mim?”, “tenho”. E aí eu levava os caras, mas com medo. Mas da onde que eu vou levar um cego ali, ainda mais com 9 metros. Então, por exemplo, isso era uma das coisas que eram feitas que não tinham razão de ser, eles eram bitolados pelo regime militar, tinha que fazer.

⁴² Nome sujeito à confirmação

E.O. – As atividades rítmicas eram também muito cronometradas, eu acho assim, que eu vejo que faz falta... Nas aulas que eu dou, vejo o quanto criativa eu sou, é impressionante, que me larga... Meu chefe que é meu ex-aluno [palavra inaudível], eu dou aula de tênis e é tudo coisa que eu invento, isso é o tênis. Imagina: estou trabalhando com as crianças a quatro anos com esse conteúdo, se tu não for criativa, apaixonada e passar essa paixão, tu não segura ninguém [trecho inaudível].

P.O. – A Elizabeth é até interessante, se um dia vocês tiverem tempo de ir olhar as aulas. Os gurizinhos dela eram do tipo assim: erram em bola e começam a xingar o outro. Era uma educação de morro. Eu dizia para ela porque agora eles já dizem: “Desculpa seu [palavra inaudível]”. Já estavam ficando educados [riso]. Agora eles vêm aqui em casa, uns três ou quatro deles, eu sento aqui, converso, tudo direitinho. Mudou a mentalidade aquela do morro. Eles estão muito bem arrumados, porque antes eles não tomavam banho, agora estão um graça. É uma coisa que eu noto que tu tens que ser mais criativo.

K.D. – Bom, então nos conta como que iniciou o teu envolvimento com a ESEF, como que tu entraste, como que tu decidiste fazer educação física, Elizabeth?

E.O. – Eu morava em Caxias⁴³ e minha mãe jogava tênis. Minha mãe começou a jogar tênis há muitos anos atrás e me lembro que dois ou três anos de idade, já estava em uma quadra de tênis e assim foi a minha vida, sempre dentro de uma quadra de tênis, minha mãe jogando tênis e eu pelos lados, sempre acompanhando, aquela coisa toda. Me lembro que quando eu tinha oito anos, eu queria uma boneca, mas minha mãe disse que eu ia fazer era aula de natação. Aí tive aula de natação com uma professora que se formou na ESEF, era a Júlia⁴⁴, eram enormes, mulheres enormes e me ensinaram a nadar, aprendi a nadar muito bem com elas, eu tinha sete para oito anos. Então, eu nasci dentro do esporte, uma coisa que me criei e acho que a minha mãe tem muita coisa a ver com isso, porque ela sempre disse que: “Não tem um bom, se não tem um melhor”. Então, sempre fui nessa busca que tinha que fazer o melhor, que tinha que lutar, tinha que vencer. E, quando chegou certa época da minha vida,... Sempre fui muito hiper-ativa, não paro quieta até hoje, não consigo ficar muito tempo aqui, daqui a pouco já estou caminhando e

⁴³ Caxias do Sul, cidade do Estado do Rio Grande do Sul

⁴⁴ Nome sujeito à confirmação.

escrevendo. Não consigo ter uma sala arrumada, estou sempre trabalhando em quinhentas coisas ao mesmo tempo [palavra inaudível]. Quer dizer, eu faço tudo o que tu podes imaginar e essa minha hiper-atividade acho que me deu essa... Eu encontrei meu caminho no esporte e chegou em um determinado momento eu quis vir para cá, porque lá em Caxias as moças chegavam em uma certa época da vida estavam loucas para casar, faziam todo um teatro, se faziam de boazinhas, bonitinhas, arrumadinhas, donas de casa, bordavam, cozinhavam, faziam todas as coisas que os italianos gostavam [palavra inaudível] e aquilo nunca me interessou, até hoje, como diz meu marido, porque se eu for ferver uma água...

P.O. – Ela queima [riso].

E.O. – É, eu queimo a água. Posso arrumar a casa, trabalhar, mas cozinhar nem morta, não é a minha praia. Então, quando vim para Porto Alegre, vim fazer a faculdade, passei no vestibular, me preparei, vim, passei e fiquei. E, logo em seguida, eu conheci ele. Não foi bem em seguida, nem me lembro mais.

P.O. – É, mais ou menos. Eu passei pelas quadras de tênis e vi ela jogando tênis.

E.O. – Eu era muito bonita.

P.O. – Eu pensei: “Como joga bonito aquela guria”. Aí voltei e perguntei se ela não queria jogar tênis comigo e ela muito...

E.O. – *Colona*.

P.O. – *Colona*, pensou assim: “O que esse cara está querendo comigo?”, “eu te levo no clube, te apresento no clube”. Eu vi que ela tinha talento. Cheguei na Borges de Medeiros⁴⁵ para buscá-la e ela estava com uma guriuzinha de [palavra inaudível].

E.O. – Imagina que eu ia ir sozinha.

P.O. – Imagina ir sozinha na Sogipa. Foi a única vez que eu joguei tênis com ela.

E.O. – Nunca mais. Eu joguei na quadra, me viram jogar, entrei para a equipe e ali me [palavra inaudível] meu trabalho com o tênis. Fiquei como sócio-atleta e continuei jogando tênis, mas nunca pensei que eu ia ser professora de tênis na ESEF, embora todo mundo, olhava e gostava, porque eu fazia... Jogava vôlei, fazia dança, eu fazia o diabo, eu gosto, adoro dançar, tenho paixão, faço samba no pé até hoje. O que tu me botar para dançar no remelexo estou feliz da vida, se tu me convidar para fazer aeróbica eu adoro. Meu Deus, o pessoal do Anchieta⁴⁶...

P.O. – Ala das baianas.

E.O. – Ala das baianas, quer dizer, não sou uma professora atleta somente, eu gosto, quando dava aula de ginástica geral, eu dava no interior, que eu dava com ele na pós-graduação, todo mundo jurava que eu fazia “ballet”, todo mundo dizia que eu era bailarina.

P.O. – Porque naquela época o pessoal não tinha a ginástica rítmica aqui.

E.O. – Não tinha e depois os cursos de ginástica rítmica [palavra inaudível]. Então eu nasci em movimento, eu adoro, acho que para mim não podia ser outra coisa se não ser professora, gosto de ensinar, tenho paixão de ensinar, acho que não sei fazer outra coisa. Tanto que agora estou aposentada, me aposentei no estado, me aposentei pela UFRGS e pensei o que vou fazer e me dediquei às crianças pobres. Comecei a trabalhar e realmente estou muito bem com as crianças e estou muito bem.

K.D. – Que cargos tu teve na UFRGS, que disciplinas?

E.O. – Na UFRGS era genial, sempre quis ser chefe de departamento, conselheiro [palavra inaudível], mas eu recebi apenas um voto, o meu [riso], eu ria que me matava. Eu sempre fui muito questionadora, não me calava para ninguém. Então, não tive nenhum voto dos meus amigos nem dos inimigos porque ninguém sabia se podia contar comigo. Então, genial, o único voto que eu ganhava era o meu. Eu ria sozinha porque tu não era de lá nem

⁴⁵ Avenida Borges de Medeiros, no centro de Porto Alegre.

⁴⁶ Colégio Anchieta, fundado em 13/01/1890.

de cá. Porque as facções eram muito... Ou eram os PT da vida, ou os PMDB da vida na época e o que eu queria era ser eu e consegui porque só tinha o meu voto.

K.D. – Essa delimitação política, de correntes políticas, foi em que década que existiu?

E.O. – Eu estou desde 1965 até...

P.O. – Não, ela está falando sobre a parte política.

E.O. – Ah não Paulo, não quero falar sobre isso, não quero dividir a ESEF. Mas ele sabem, até hoje.

K.D. – E sempre te dedicaste à disciplina de tênis?

E.O. – Sim, só foi me dada à disciplina de tênis... Não, eu dei, eu dava voleibol, mas eu dava prática esportiva. Como professora da ESEF, só tive a cadeira de tênis. A única professora de tênis.

K.D. – Antes de ti, quem era o professor de tênis?

E.O. - Fredolino e a Diná⁴⁷ que era esposa do diretor.

P.O. – Na nossa época, professor dava aula para homens e professora dava aula para mulheres.

E.O. – Mulher não dava aula para homem.

K.D. – E existiam algumas disciplinas que as meninas não tinham?

P.O. – Sim, sim. O judô não tinham.

E.O. – Mas vocês não tinham acesso aquela professora maravilhosa, a Lia⁴⁸?

P.O. – Não. Nós até apresentávamos de vez em quando alguma dança, em alguma festa, alguma coisa que tinha que ter homens, ela nos pegava.

E.O. – Mas não era da cadeira.

P.O. – Não era da cadeira de dança, não tinha rítmica, não tínhamos isso e depois que começou.

E.O. – Era bem diferente.

K.D. – E quando começou a misturar?

P.O. – Olha, acho que depois de 1980.

E.O. – Não Paulo, porque, quando a gente foi para a Alemanha, já estava misturado, não foi?

P.O. – Não estava não.

E.O. – Em 1972 não estava misturado?

P.O. – Não estava não. Eu dava aula somente para homens. Acho que foi por 1975. Aí se misturou o currículo, tudo.

E.O. – Eu prefiro quando era misturado, acho bem melhor.

P.O. – O que não tem contato pessoal não tem problemas maiores.

E.O. – Tênis sempre foi mista a disciplina?

P.O. – Não. Separado também.

⁴⁷ Dinah Pecoist Targa

⁴⁸ Eliane Clotilde Bastian Meyer Schimitz

E.O. – Antes de mim, o Fredolino dava para os homens e a Diná dava para as meninas e, depois, quando eu entrei [palavra inaudível].

P.O. – Para ti ter uma idéia: quando eu entrei na Escola, tinha uniforme, tinha que ir de sapato preto, meia preta, calça preta e uma blusa azul clarinha.

E.O. – E, no inverno, tinha que colocar por cima do blusão de lã.

P.O. – Tinha fardamento de rua. Tu não podia chegar na Escola a paisana. Tinha que chegar com o uniforme da Escola.

E.O. – Era bem militar.

K.D. – Como era a relação entre professor-aluno na época que vocês eram alunos?

P.O. – Era difícil, mantínhamos uma distância.

E.O. – Professor era uma coisa muito especial [trecho inaudível]. Acho que nós quebramos, até mesmo no Anchieta, esse protocolo do professor-senhor, eu nunca gostei dessa idéia.

P.O. – Eu nunca botei a minha turma em forma, antigamente, chamada, todo mundo em forma, de frente para mim.

E.O. – Eu também não e esses protocolos me custaram muito e também um vez estava indo para a quadra de tênis e o Linhares⁴⁹ assim: “Não pode fazer aula de tênis se não estiver com o uniforme”. O Linhares era da brigada. E eu vinha [palavra inaudível], tu acha que eu vi que eles estavam de abrigo vermelho, se tu estava de rosa, de roxo, de preto, essas coisas não faziam sentido. Fazia sentido que tu estavas na aula, que exercício que tu estás fazendo, o que tu estás fazendo. Eu me perco muito nessas coisas de protocolos como chamada, uniforme, isso é uma coisa que até hoje não consegui...

K.D. – Mas o uniforme quando vocês foram professores ainda perdurava?

P.O. – Não. Nós até uma vez resolvemos fazer um abrigo verde musgo, os professores dos alunos, porque o cara olhava lá no campo [palavra inaudível], mas não quiseram porque acharam que ia ser coisa de milico. Então, a gente sofreu muito na década de 1964. Um exemplo meu: eu morei em Berlim⁵⁰, então, quase todos os meus livros foram comprados em Berlim oriental, do lado comunista porque a Alemanha usava os livros da Alemanha oriental porque os melhores livros de esporte eram da Alemanha oriental.

E.O. – Até hoje tem livros traduzidos que vocês usam que foram feitos lá.

P.O. – Eram os melhores livros. Então, eu ia lá e comprava os livros e, quando eu cheguei aqui, passava filme para a turma: “Não fiquem pensando que os alunos estão comendo gente na rua, comendo criancinha. Não é bem assim. O muro foi por razões econômicas que foi feito”, explicava tudo. E um dia chegou um aluno depois da aula e disse que queria falar comigo e disse: “O senhor não acha que o que o senhor fala em aula pode ser levado para outro lado?”. Nos anos 1970, mais ou menos, mas não falava nada de política. “Estou mostrando como é a Alemanha oriental”, “mas o senhor não acha que se um aluno quiser ele pode levar para outro lado?”, “mas que outro lado?”, eu perguntei para ele. E ele disse que tinham alunos que eram infiltrados, que eram do DOPS⁵¹...

E.O. – E tinham mesmo.

P.O. – Que eram da polícia federal. Ele disse: “Professor, como eu estou sendo sincero com o senhor, peço que o senhor não me entregue para meus colegas porque se não eles me matam, eu sou do DOPS” [riso]. O cara se entregou para mim porque era amigo meu, pediu que eu não o entregasse porque se não os colegas dele matavam mesmo, faziam um emboscada e matavam mesmo. Então, tu tinhas até que cuidar o que falar. Essa área política tu tinhas que te enquadrar. E nós fomos para a Alemanha em 1971, bem na época da repressão [trecho inaudível]. O maior fora que eu dei: eu estava como diretor e saiu na

⁴⁹ Paulo Ubirajara Linhares

⁵⁰ Capital da Alemanha

⁵¹ Departamento de Ordem e Política Social.

Zero Hora⁵² que a Alemanha oriental ia abrir um escritório em Porto Alegre, achei bacana e cheguei para minha secretária e pedi para ela ligar para o cara que eu quero falar com ele: “Eu tenho interesse na Alemanha oriental, no esporte, porque ela está muito adiantada”. Ele disse que viria na Escola. No outro dia, o cara foi na Escola e levou calendários para mim, levou livros, levou agenda. “Não, nós vamos convidar o senhor para a inauguração da nossa sede que vai ser no centro”. Eu disse que sim. Passou um mês e veio um convite impresso, muito bonito da Alemanha. Eu estou na festa e era *somente os comunistas*, os que a gente conhecia, os políticos e eu pensei: “O que estou fazendo aqui?”. E uma hora o cara disse assim: “Quero agradecer muito a primeira pessoa que me recebeu oficialmente em Porto Alegre, que foi o professor Paulo Gilberto da Escola Federal do Rio Grande do Sul” [riso]. Eu tinha sido o primeiro a falar com ele e pensei que na outra semana estaria preso [riso]. Naquela semana, caiu o muro, parece mentira, eu já estava pensando no que eu ia dizer para os caras, mas a minha idéia era o esporte, porque a Alemanha oriental estava tão bem no esporte que seria interessante para a Escola ter o contato com eles e o cara diz que eu fui a primeira pessoa que recebeu ele em Porto Alegre. Eu pensei que o DOPS ia na minha casa no outro dia.

[FINAL DA FITA 87/02-A]

E.O. – Eu não posso aceitar que... Muitas vezes eu vejo alunos chegarem para a gente, quando estou trabalhando - porque eu recebo alunos de outras universidades, como estagiários - e muitas vezes tu te dá conta que falta, que eles não sabem ensinar, mas tu te coloca como professor... Porque assim: para ti realmente poder ensinar, não é aquilo que tu queres ensinar e sim o que o aluno precisa receber. Então, um coisa é tu ter um livro de futebol e começar a despejar o conhecimento, não é assim. Um dia desses, um cara me perguntou como que se ensina tênis para crianças de 7 anos. Eu digo: “Não sei, mas agora me dá uma turma de crianças de 7 anos que eu te digo como ensinar”. Não consigo ter um conteúdo pré-estabelecido. Tu pega a turma, sonda ela, vê o que eles precisam e daí tu vê o que tem que fazer de base e começa a crescer com eles e eu vejo que, muitos professores que chegam até mim, não sabem nem quicar uma bola, nem correr, corrida lateral não existe. Quer dizer, tu nota que o conteúdo foi muito despejado, mas, mesmo assim, tu precisava desenvolver alguma coisa de como a aprender a fazer aquilo ali. Tu sabes que

⁵² Jornal de Porto Alegre

eles sabem [trecho inaudível] para começar depois a trabalhar. Eu noto que essas coisas eles não conseguem, eu vejo que tem uma diferença porque o aluno quando chega para ti, ele trás uma história e, através dessa história, tu vai conseguir desenvolver a habilidade dele. Então, eu sempre fui do lado do aluno, seja ele criança, seja ele professor de educação física.

P.O. – Não existe receita de bolo. Dar aula não é como tu fazer um bolo, não é assim. Eu nunca na minha vida preparei uma aula. Eu sabia o que eu tinha que dar na aula, por exemplo, tinha que dar passe, passe com uma das mãos, eu sabia que a minha aula ia ser aquilo ali e, na hora que estou dando a aula, eu vou dando os exercícios de acordo com a resposta da turma.

E.O. – Exatamente.

P.O. – Eu nunca [trecho inaudível], o professor que faz isso é péssimo.

E.O. – Tu tens o foco técnico, o foco principal, mas quem vai te dar realmente é o desenvolver a turma, não tem como dar os mesmos exercícios para turmas diferentes.

P.O. - Não tem receita. E isso eu tinha o maior horror, os professores conversavam sobre quantos alunos tinham rodado “Eu rodei cinco”, “eu rodei sete”. Aquilo ali para mim era chocante, ficava horrorizado. E os caras gostavam de rodar gente “Ah não, comigo não tem, vou rodar oito”. Mas o que é isso? Entende? Para mim era uma vergonha um aluno meu rodar e para a Beth também. Então, diziam que a gente era paizão, mãezona, mas não é isso. Eu tenho que ter um jeito de alcançar ele... Era um dos poucos professores que aceitavam dar aula à noite, eu me negava dar aula de tarde, eu não rendo e o aluno não rende. Vou dar aula prática às 13:30, o cara acabou de almoçar, vai fazer o que na minha aula? Natação, por exemplo, vai botar os caras na água às 13:30? Não dou. Quer me dar aula de noite? Dou aula de noite, quer me dar aula de manhã? Dou aula de manhã, mas, de tarde, esquece, não vou dar aula. Era a única exigência que eu tinha. Aí eu tinha uma turma de noite e tinha um aluno, o Adão, um careca, eu acho até que era mais velho que eu na época. O Adão ia para o cantinho da sala lá e roncava de fazer barulho. E eu disse: “Olha, a próxima vez que o Adão roncar na aula, vocês vão se levantando um a um, quietinhos e

vão saindo da aula. Vamos deixar eles sozinho na sala [riso]. Vamos apagar a luz e deixar ele dormindo”. O adão começou a roncar e os caras começaram a sair. Quando eu estava apagando a luz, o Adão acorda: “Que foi que houve?”. “Tu tiveste sorte. Ia ficar dormindo aqui na sala de aula. Eu já estou de saco cheio de tu ficar roncando na minha aula”. “Bah, professor, deixa eu falar com o senhor, porque é isso”. Eu cheguei e disse: “Ta, dá a tua explicação”. “Professor, eu sou delegado de polícia. Eu venho direto do plantão para sua aula. Eu estou sem dormir. Por isso que eu durmo”. Eu disse: “Olha, poderia ter dito antes que aí eu não ficava tão bravo contigo”. Eu nunca fui de repreender ninguém, de brigar com alguém, mas também não dava moleza. Tinha que apresentar os requisitos necessários. Mas eu dava muita chance. Se os caras tivessem que fazer a prova dez vezes comigo até passar, eu fazia dez vezes a prova com o cara. Porque tinha muita prova prática. Por exemplo, a pior aluna minha que eu considerava, que eu considerei na prática, foi a Regina De Rose, mulher do doutor De Rose. Se pegar um peso para ela arremessar, tinha que tirar o pé de baixo. Ela não tinha força nenhuma. Mas era a melhor aluna que eu tive de todos os tempos. Ela sabia tudo da parte teórica. Eu falava: “Se vocês são fracos na parte prática, sejam bons na parte teórica”. Pelo amor de Deus, compensa. E a Regina era um espetáculo. E ela passou bem. São coisas assim que a vida ensina. A Escola fazia os vestibulares e tinha uma aluna que vinha todos os anos fazer. Era uma aluna negra, gorda. Todos os anos ela vinha fazer educação física. Chegava na minha mão e rodava ela. Chorava, se desesperava. Quando eu voltei da Alemanha em 72, eu fui dar aula no IPA também. Eu sou fundador do IPA. Sento na aula no IPA para dar aula, a primeira aluna sentada na minha frente, quem? Ela. Eu pensei: “Barbaridade, escapei dela lá na UFRGS e ela veio cair aqui na minha mão no IPA”. Mas ela era fraquinha, não tinha força para nada. Chegou na prova final, era fundamentos de voleibol e caiu cortada. Cheguei para ela: “Na hora da prova, quem vai levantar para ti sou eu”. Eu era cortador, mas também fui levantador. “Eu vou levantar as bolas para ti, para não dizer que levantaram a bola mal”. Eu levantei e ela deu uma cortadinha. São três vezes. E ela deu as três cortadinhas direitinho. E eu chamei ela: “Onde é que tu andou treinando?”. “Ah, professor, sabe o que é que eu faço? Quando eu dou aula para as minhas alunas, eu faço todas as aulas junto para aprender também”. [riso] “Olha, para ser sincero, eu não acreditei, eu não acreditava, mas meus parabéns...”. Quer dizer, ali foi um exemplo para mim, de um aluno que foi tremendamente fraco, não passava na ESEF, comigo ela sempre rodava. Tinha salto em altura, tinha que saltar 93cm, não passava nunca. E é uma ótima professora. No colégio

dela, ela é uma das mais consideradas. Hoje em dia, o que eu falo na ESEF, era que estavam se preocupando muito com a parte teórica, tudo bem, aprendizagem motora, desenvolvimento motor, fisiologia, treinamento esportivo, tudo bem. Mas agora onde tu vai dar aula? Tu vai dar aula em um coleginho, tu vai ter um pátio e tu não vai ter uma bola, nada e vai ter que improvisar. Se tu não fez antes a parte prática, tu não vai saber improvisar. Tem que ter feito... Esses dias teve uma guria do La Salle aqui, entrevista comigo: “Como foi que o senhor deu...” – atletismo na Unisinos, eu dava num dia só – eu disse: “Eu dou um dia só”. E eu perguntei: “Onde é que vocês praticam atletismo lá no La Salle?”. “Ah, são as aulas teóricas. O professor traz o texto, bota em cima da mesa, diz que o peso pesa 7,257kg, que tem seis lançamentos para serem feitos e a melhor distância...”. “Sim, mas e onde vocês fazem a prática?”. “Não, não tem prática professor”. E eu perguntei: “Nunca arremessaste um peso na tua vida?”. “Não professor”. “E como é que tu vai querer dar aula?”. Entende? Isso que eu comecei achar que a Escola começou a pecar muito. A Escola começou a ser muito teórica. Terminaram muito as matérias práticas. Quantas matérias práticas vocês tem agora?

K.D. – As práticas são geralmente eletivas, as obrigatórias são as outras.

P.O. – As teóricas?

K.D. – As teóricas são a maioria obrigatórias. Não tem nenhuma prática obrigatória. A prática de esporte não é nenhuma obrigatória.

P.O. – Eu não posso acreditar que tu seja uma baita cientista quase tendo matérias teóricas muito bem dadas, porque o pessoal é muito bom, mas tu vai sair dali, tu vai fazer um concurso para o estado, vai cair num pátio, sem nada para dar, sem material esportivo nenhum... Sem tu ter a prática. Quer dizer, tem que ter um pouquinho de prática, tem que ter.

E.O. – Porque uma coisa é a gente ser professor de 1912 [riso] e vendo a coisa, não vou dizer que seja problema da ESEF, mas tenho recebido alunos na minha fundação, que eu tenho recebido alunos maravilhosos, mas a experiência deles é muito pouca. “Graças a Deus ela caiu na minha mão”. Eu não estou preocupada, porque com o carisma que ela

tem, com a vontade que ela tem, uma professora como ela é quase inata, porque tu gosta de ensinar, tu gosta do teu aluno, tu gosta do desafio de ensinar.

P.O. – Eu dou o exemplo do Julinho, que era a escola padrão do estado. Eu dei aula lá e, no primeiro dia que eu cheguei para dar aula lá, estava com capim dessa altura. Então, eu tinha que pegar os alunos: “Olha, hoje não vai ter aula, cada um vai ter que trazer vinte cabeças de porco para depositar aqui para nós para limpar o pátio”. Os alunos arrancando cabeça de porco e, para arrancar cabeça de porco, tinha que fazer *umas dez aulas de educação física* [riso], entende? Tínhamos que fazer isso para ter o pátio para dar aula. O que eu me preocupo, não que vocês não tenham que ter conhecimento teórico, tem que ter conhecimento teórico, mas tem que ter um pouquinho da prática.

E.O. – Foi o que eu disse para o Vice-Reitor: “O que está acontecendo? Estão mandando todo mundo para fora, todo mundo fazendo mestrado e doutorado e quem vai ficar dando aula?”. O pessoal todo está querendo fazer pesquisa, aí eles vão colocar seus alunos a fazer pesquisa, eles vão fazer pesquisa e o orientador coloca o nome porque a pesquisa é dele e eu me pergunto: “Quem é que vai dar aula?”. E o que eu tenho notado, pelo que tenho recebido, que os caras são *muito bons* na parte teórica, mas, na parte prática, os caras não sabem mal caminhar direito, correr então, muito menos. Não era assim. Acho que está faltando um pouco de prática para eles.

P.O. – Na nossa época, era exageradamente prática. Para vocês terem uma idéia: na segunda-feira nós tínhamos ginástica olímpica. Nos três anos, eu tive barra, paralela, argola, salto sobre cavalo e solo. Nos três anos na Escola, toda segunda-feira nós tínhamos ginástica olímpica. Eu era horrível na ginástica olímpica. Único esporte que eu nunca dei na minha vida foi ginástica olímpica, mas tinha que fazer a aula. Eu chegava ter bolha de sangue na mão de tanto treinar. E, quando me formei, peguei o colégio Farroupilha para dar aula, teve um campeonato de ginástica gaúcha entre os colégios e a minha turma foi campeã. Eu era ruim, eu era péssimo, chegava a sonhar com a aula do Saul⁵³, mas aprendi um mínimo e peguei a minha gurizada e ensinei. Era ruim na execução, mas eu sabia como... A nossa parte teórica ficou devendo muito...

E.O. – Eu dizia para o Paulo: “Pega teu pior aluno, vai ser teu melhor professor”. Porque eu sempre fui, apesar de ter sido atleta também, contra o grande atleta. Porque ele é muito intuitivo, sabe fazer, mas não sabe porque faz. No momento que tu é intuitiva, tu não tem a dificuldade daquele que está querendo aprender e tem essa dificuldade. Então, se tu foi um cara que teve uma tremenda dificuldade, tu vai fazer tantas voltas até que tu consiga aprender e essas voltas, didaticamente falando, são as formas de como tu vai ensinar melhor. Isso que é difícil.

P.O. – Vocês devem conhecer o José Anchieta, da aeróbica. Ele foi considerado o melhor professor do Brasil, dentro desta área. Quando eu abri a minha escolinha de natação aqui, eu convidei o Anchieta, e ele não se dava muito bem na água. Mas eu não estava contratando o nadador. Eu estava contratando o professor. As crianças adoravam ele.

E.O. – A diferença é que o professor que acha que sabe tudo, que é muito intuitivo, que faz tudo muito bem porque é coordenado, daquele professor que realmente parte daquilo que a pessoa não sabe e começa a crescer, ajuda a crescer. Qualquer que tu queria ensinar, tu tem que preparar para botar os conhecimento que tu quer em cima. Isso eu sinto falta. As pessoas partem de um conteúdo pressupondo que as pessoas já saibam. Dá o seu conteúdo e cada um se vira com o conteúdo, sem respeitar as características individuais, uma série de coisas. Aí tu te torna professor: tem que saber ensinar, olhando para cada aluno com suas diferenças.

P.O. – Nós tivemos exemplo com isso em 1992. A Beth e o peixinho⁵⁴ foram convidados para dar aula em Colônia⁵³. Em Colônia, está a melhor Escola de Educação Física do mundo. Professor alemão trabalha assim, ele chega na aula e diz: “Olha aqui ó, aqui está o peso, o feminino pesa tanto, a regra é essa, assim. Treinem”. Ele não vai ensinar o aluno a arremessar, o aluno vai ter que aprender olhando em livros, olhando competições. Treina e depois vai lá na prova prática. A Beth chegou lá dando aula de tênis, estilo nosso: corrigindo posição, pega aqui, pega ali, o pé não está bem para frente... Os alunos adoraram ela. Tinha gente que já tinha feito tênis 1, estava em tênis 2, voltou para fazer tênis 1 com ela, porque nunca tinha tido aula naquele estilo. Nós vimos a diferença do tipo

⁵³ Nelson Rubens Saul

⁵⁴ Jayme Werner dos Reis, conhecido como “peixinho”

de ensino. Eles mostram, dão procedimentos, tem filme, slides, diagrama, tem tudo, mas o aluno é que vai treinar.

E.O. – O aluno é que vai atrás do conhecimento, é uma outra forma. Mas isso não quer dizer que eu estava certa e eles estavam errados. Eu só acho e, ainda defendendo esta idéia, que, se existe o aluno, eu tenho que me preocupar com ele, eu sou responsável por ele. Eu tenho que ensinar, tenho que depositar o meu conhecimento. Eu tem mil alunos que nunca fizeram nada, não gostavam e até hoje me encontram na rua e dizem: “Bah, nem imagina Beth, estou jogando tênis”, “eu não acredito”. Eu fazia uma coisa assim, era muito louca, até hoje sou criticada muito: eu tinha seis meses para ensinar a jogar tênis. Ensinar a jogar tênis uma pessoa que não consegue acertar uma bolinha. É difícil, não é? Eu criava uns testes no paredão horrorosos, terríveis, tinha que bater cinqüenta bolas de direita, senão tu não passava, tinha cinqüenta bolas de esquerda, senão tu não passava, tinha que fazer tantos passes, senão tu não passava. Mas nunca ninguém rodou. Mas na realidade a gente obrigava, tu tinha que fazer cinqüenta bolas no paredão. Olha que saco. Imagina tu sentar com cinqüenta, setenta alunos e ficar contando: uma, duas, três, quatro, até vai, mas quarenta? Voltava, começava de novo. Mas o que acontece no tênis? Todo o esporte tu faz assim, de frente, no tênis tu bate de lado, a raquete tem que passar, tu tinha que aprender a virar de lado e para ti virar de lado a bola, bater no paredão e voltar, tinha que ter uma habilidade incrível. Então, quando tu bater cinqüenta bolas, já está apto para jogar. Tu tinha o semestre todo. No começo do semestre já dizia: “Vai ter que bater cinqüenta bolas assim, tantas de esquerda assim, começa a treinar, porque lá no final tu vai ter que fazer”. Imagina só, o cara não agüentava mais, começava as 7hs da manhã...

P.O. – É aquela história: se tu bota dois alunos batendo, eles acertam duas bolas e erram a terceira. A parede não erra nunca [risos]...

E.O. – Se tu bater errado, ela te devolve errado. Então, se tu bate lá e ela volta aqui, tu tinha domínio. Se tu tinha domínio eu podia continuar dando o meu semestre, porque as pessoas continuam porque conseguiam bater. Claro, tu podia dizer, até hoje tu vai ver: eu sou uma tremenda mãozona, mas este teste eu não abria mão. Então, o pessoal entrava todo ano no tal de DCE, faziam queixas, que eu era maluca, que queria performance, que eles

⁵⁵ Cidade da Alemanha

queriam aprender. Chegava no fim do semestre eu dizia: “Pelo amor de Deus, todos vocês passaram, ninguém rodou na prova do paredão. Então, não contem para ninguém do próximo semestre. Era um sarro, porque eles diziam assim: “Ela roda, ela roda mesmo”. E era uma loucura, porque eu nunca rodei ninguém por causa do paredão. Eu lutei para que minha cadeira fosse opcional. Se tu estava lá é porque teria que te adaptar as coisas que eu fazia.

K.D. – Aproveitando o assunto, vocês falaram muito numa diferença tanto na relação professor-aluno quanto... Eu gostaria de saber se nos alunos também, a diferença no perfil dos alunos no período que vocês vivenciaram a ESEF, os interesses deles, porque eles procuravam a ESEF, se vocês perceberam...

P.O. – Era diferente. O caso é esse: o primeiro problema, entrave que a Escola tinha, que eu era contrário, sempre fui contrário, eram as provas práticas. Uma vez teve uma guria que tinha problema de [palavra inaudível], ela tinha um bracinho curtinho. Ela pegava a bola de baixo do braço, vinha correndo e fazia o arremesso da pelota. Ela não conseguia fazer os 20 metros que tinha que fazer. Mas ela fazia melhor que muitas gurias [riso] que tinha os dois braços. Então, aquela prova ali a gente via, claro, o pessoal gostava, vinha fazer o esporte mais pela aptidão prática, mas era muito limitador aquilo. Natação, exemplo, eu dizia para os caras....

[FINAL DA FITA 87/02-B]

K.D. – E falando quando vocês eram alunos, como era a relação entre colegas, entre os alunos? Vocês foram alunos em períodos diferentes?

P.O. – Não, sabe o que foi, que era muito mais interessante? Porque havia *a turma*. Tu entrava no primeiro ano, tu saía no terceiro ano com a mesma turma. Então, tu tinha muito mais afinidade com a tua turma porque tu estavas sempre com a tua turma. Por que isso desapareceu? Isso desapareceu durante a revolução porque não foi mais interessante que o aluno andasse em turma.

E.O. – Porque as idéias políticas poderiam vir à tona, então eles acabaram.

P.O. – Não existia mais turma, tu te matriculavas separado. Nunca tinha a mesma turma junta, saía de uma aula e ia para outra com turmas diferentes.

E.O. – A identidade de grupo, eles destruíram.

P.O. – A idéia era essa: nós tínhamos muito mais afinidade entre nós porque estávamos sempre junto. Íamos para aula teórica juntos, para aula prática que era separado, mas era no mesmo horário. Então, a turma era muito mais unida.

E.O. – Até hoje se faz as festas de encontro de turma e tem trinta, quarenta anos e pessoal continua se encontrando, é muito legal. Formou quase uma família.

P.O. – Tinha muito mais afinidade entre os alunos por causa da turma. Entrava junto, saía junto.

K.D. – E que modificações curriculares vocês viram durante o tempo de vocês? As principais?

P.O. – Teve bastante. Primeiro se formou módulos de disciplinas. Por exemplo, desporto, então no módulo do desporto era essa, essa, essa. Pedagogia, didática, entrava em outro módulo. Foram feitos vários módulos assim. Depois houve mais uma troca, mas eu não me lembro direito como foi a troca. Eles começaram a cortar disciplinas também. Na minha época, nós tínhamos aula de boxe. Aonde tu vai dar aula de boxe? Mas para mim foi muito bom em termos de conhecimento. Tivemos Judô durante muito tempo e foi bom, aprender a cair, outras coisas. Mas qual é o colégio que tu vai dar judô? Natação, eu adorava nadar, mas qual é o colégio que tu vai dar natação? Claro, como formação do indivíduo, a natação é fundamental. Por exemplo, vai para uma praia, tem saber um pouquinho de natação. Quatro anos atrás, eu estava dando aula na Unisinos⁵⁶ e disse para o guri: “Não brinca com o mar. Com o mar não se brinca, tem que conhecer, saber aonde vai a corrente”. Passou uma semana, o aluno chegou na aula e disse: “Professor, me salvei por sua causa. Eu levei uma “vaca” no *surf* e perdi a prancha e tentei sair nadando e não consegui. A corrente não estava para mim”. Ele lembrou que não era para brincar com o mar e ficou boiando.

Depois apareceu um surfista e encostou a prancha nele. “Se eu quisesse tentar sair nadando, eu acho que teria ficado, porque eu não sou tão bom nadador assim. Eu sou bom nadador com a prancha [riso], sem a prancha eu não sou tudo isso”. “Ah, te lembra que eu falei para vocês”. Agora eu não sei se vocês viram, está saindo os salva-vidas voluntários, da brigada. A brigada foi na Unisinos atrás de mim: “Eu queria uma guria aqui salva-vidas voluntário” e eu “tudo bem. Quantos vão ser?”, “nós queremos começar com seiscentos”, “e vão treinar aonde seiscentos?”, “a gente vai alugar a piscina”, “quem vai alugar a piscina para ti treinar seiscentos caras? Vocês vão ficar no clube o dia inteiro”, “a gente dá um jeito”. “Aonde é que os caras vão parar na praia?”, “eles vão receber salário. Alimentação e casa é por conta de cada um”, “e qual é o salário?”, “vamos começar com quatrocentos reais”, “quatrocentos reais para comer e parar na praia? Pode esquecer da Unisinos” [riso], “mas como?”, o cara ficou bravo comigo. “Tu acha que eu vou botar meus alunos para serem salva-vidas, botando em risco a sua própria vida para ganhar quatrocentos reais? Então ele vai ser voluntário porque ele quer e não para ganhar quatrocentos reais e não ter alimentação e aonde parar. Ainda se vocês tivessem os quartéis para os caras parar, alimentação no quartel e mais uma ajuda de custo, tudo bem”. Agora abriram setecentos e poucos inscritos, foi uma briga para conseguir e começaram mais de setenta e três salva-vidas voluntários. Vamos ver no que vai dar. Nem sei qual é o salário que os caras estão recebendo agora. Na Unisinos sempre ensinei salvamento, técnicas de como se salva, como se tira uma pessoa da água. São coisas assim do dia a dia, que tu pode usar. Nós damos um curso na praia de salvamento. Mostrando como que se fazia, a respiração... Até quem foi comigo foi o professor Bruxo⁵⁷. Até teve uma foto na Zero Hora, eu abrindo a boca dele com a mão, mostrando como fazia o boca a boca. Na Escola tinha primeiros socorros. Muito bem dado. É o tipo da coisa: o aluno teu torce o pé, tu tem que saber o que fazer, aliás, tu tem que saber o que não fazer. Então, são coisas utilitárias que, na ESEF eu sei que saíram, que são do dia a dia.

K.D. – Eu ouço vocês falando muito em escola, educação física voltada para a escola, a formação de vocês na época, tinha muito esse enfoque?

E.O. – Era muito atleta, mas sempre acreditei que...

⁵⁶ Universidade do Vale dos Sinos

⁵⁷ Nome sujeito à confirmação

P.O. – Academias quase não tinham, isso é uma área nova.

E.O. – Academias, escolinhas de futebol, cursinhos de tênis, na nossa época não existia muito. Era muito separado a educação física da Escola em si. Parece que o conteúdo era lá em cima e o esporte aqui em baixo, na nossa época. Eu nunca acreditei nisso. Eu sempre achei que tu podia trabalhar as duas coisas junto. Memória, atenção, tu trabalha aqui como que na sala de aula. Tu trabalha muito dentro da tua aula de educação física, então eu não consegui separar conteúdo do desenvolver a inteligência da criança, do conteúdo prático. Sempre defendi isso, tanto que até a minha tese de mestrado era sobre isso: as coisas cognitivas que eu poderia desenvolver dentro da atividade física. Então, sempre pensei que tu agir pensando é muito importante. Tem que ter criatividade.

P.O. – Meus pós que eu dei para fora, em Santa Cruz, Pelotas, Passo Fundo⁵⁸, Criciúma, ou eu dava catorze aulas ou dezoito aulas por fim de semana. Se tu não tens criatividade para dar catorze ou dezoito aulas por semana, tu não sobrevive [riso], porque tu tens uma capacidade de improvisação tão louca que, quando os alunos começam a dormir, tu tens que fazer uma atividade para acordar eles. Quando eu cheguei em Bagé, na sexta-feira era sempre teórica, chegava de noite, então eles vinham com aqueles baldes de garrafas térmicas e me perguntavam se podiam tomar mate, chimarrão, na aula. Dizia que sim, era aula teórica. Não gostava muito de tomar chimarrão e disse assim: “Não vou dizer porque não quero tomar chimarrão, vocês são muito gaudérios, não quero dar [palavra inaudível]”, “mas pode dizer o porque o senhor não gosta de chimarrão”. Fiquei três meses, os caras querendo saber porque eu não tomava chimarrão e eu [palavra inaudível]. Até que um dia teve um churrasco, um deles disse que no churrasco eu ia ter que dizer porque não tomava chimarrão. Eu disse que sim. No churrasco eles pediram para que eu falasse, aí eu disse: “Vocês não vão ficar bravos comigo?”, “não professor”. “Para mim, chimarrão é chá de bosta de vaca [riso]”. Eles ficaram bravos comigo. Bom, aí passou uma semana e os caras estavam adulterando o mate aqui em Porto Alegre e botavam quinhentas coisas para fazer o mate, eu recortei a reportagem e, a primeira coisa que eu fiz quando cheguei na aula, foi botar a reportagem. Tem que saber brincar com a turma. Para dar dezoito aulas somente sendo artista.

E.O. – Que outras perguntas tu tens?

K.D. – Eu ia perguntar o que a ESEF foi para vocês?

E.O. – Foi a minha vida.

P.O. – Para mim também.

E.O. – Mas para mim eu virei a folha, depois que eu saí da ESEF, eu virei a folha. Eu não nasci sendo ESEF, ela é uma grande parte da minha vida, mas virei à folha. Eu não podia mais continuar, eu ia me aposentar, era minha chance de ouro. Só eu acho assim: a ESEF um pouco madrastra. Se existem cursos de tênis que eles sabem que sou ativa ainda, eu não recebo nenhuma comunicação. Eu tenho certeza que se eu tivesse assumido a cadeira de tênis e, todas as coisas novas que fossem surgindo, eu ligaria para o meu professor. Esse contato é muito pobre e eu não faria isso nunca, jamais. Mas não estou parada. Eu posso ter saído da ESEF, mas ela não saiu, o tênis, o esporte.

P.O. – Eu fui chamado para a Escola para ser banca de exame, para ser ruim com os outros.

E.O. – Acho que temos muitas histórias para contar, muitas coisas para [palavra inaudível].

P.O. – Claro que atualmente eu não seria o professor indicado para dar uma aula de basquete, vôlei, tudo bem, mas como que uma pessoa sobrevive tendo o que eu tenho, se não tem uma disposição e uma cabeça boa. Tu acha que eu deixo de fazer a minha farra com a minha fisioterapeuta aqui, quase mato ela. Seria interessante, mas os caras tem medo de vir aqui em casa me visitar.

E.O. – Acham que ele está ultrapassado, chorando, querendo morrer...

P.O. – É engraçado isso, o pessoal se afasta com medo de...

⁵⁸ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

E.O. – Alguns professores a gente vê ainda: o Alexandre Nunes⁵⁹, o Carravetta⁶⁰, o Mário⁶¹ apareceu uma vez.

P.O. – Uma coisa que eu fico sentido: o Alexandre trabalhou comigo aqui na piscina, a Helena⁶², sempre foi minha monitora, a esposa do Alexandre, nunca veio aqui. Eu fico sentido com ela.

E.O. – São coisas que... A gente é o passado da ESEF. Foi até bom vocês fazerem isso, achei sensacional.

P.O. – Quando vocês começaram a fazer isso, conseguiram falar com o professor Poli⁶³, antes dele morrer?

K.D. – Não.

P.O. – Que pena, seria maravilhoso. O professor Poli morreu com 100 anos. Não faz muito tempo. O velho era sensacional.

E.O. – Isso faz parte. Quantos alunos da ESEF vão nos conhecer como vocês nos conheceram? Muito poucos. Vai ser uma história contada por outros. É um casal, que a gente enfrentou uma barra pesada e realmente a gente sobreviveu, a gente teve muita dificuldade com a doença dele e a gente está muito bem, obrigado.

[FINAL DA FITA 87/03-A]

E.O. – Eu nunca tive medo de parecer certa ou errada, ou ser chacota dos outros. Eu sempre dei a cara para apanhar. Eu acho que isso é legal. O Paulo é ao contrário, é mais bondoso, mais calmo, mais político, tanto que ele foi diretor da ESEF [riso].

⁵⁹ Alexandre Veli Nunes

⁶⁰ Elio Salvador Praia Carravetta

⁶¹ Mário Roberto Generosi Brauner

⁶² Helena Alves D'Azevedo

⁶³ Poli Marcelino Espírito

K.D. – Eu fiquei encantada de conversar com vocês. Acho que o depoimento vai ser muito importante para o acervo. Vocês contaram um monte de coisas, de histórias legais sobre a ESEF.

E.O. – A nossa idéia é de nenhum momento denegrir a ESEF. Porque realmente eu gosto da ESEF. E sinto do dia que eu saí, do último dia que dei aula na ESEF, eu saí e ninguém me disse: “Muito obrigada pelos vinte tantos anos...” ou “tchau”. Aí eu olhava para trás e pensava: “Não, alguém vai dizer alguma coisa. Passei a minha vida toda aqui ensinando e ninguém vai me dizer nada. Hoje é meu último dia”. Ninguém, eu fui embora e virei a minha folha. E isso é uma coisa que eu fico sentida, porque foi uma vida. Mas depois eu cheguei a uma conclusão que a ESEF é muito importante para mim. A ESEF que eu vivi e não a ESEF que os outros viveram. Acho que isso que para mim e para o Paulo foram legal. É a nossa ESEF, a minha ESEF.

P.O. – É aquela história: quando saía debate e perguntavam qual era a minha linha política, dizia que a minha linha política era a ESEF: “Se for pela ESEF, eu tenho linha política, agora, partido, pode esquecer, nunca vão saber qual o partido que eu sou”.

E.O. – Tanto que o Paulo... Tanto que várias pessoas do outro lado da ESEF na época viajaram muito dentro da tua gestão.

P.O. – Sempre que alguém pedia para ir para fora, eu tinha diárias minhas, passagens minhas como diretor.

E.O. – A gente não tinha o direito de interromper.

P.O. – Aí o cara chegava e pedia: “Paulo, tenho que ir em um congresso lá em Recife⁶⁴”. Eu dava as minhas diárias para o cara. Os outros vinham para mim e diziam: “O cara é contra ti e tu estás dando passagens para o cara”.

E.O. – Ele é importante para a ESEF.

P.O. – “Alguém pediu para ir antes dele? Não? Então porque não vou deixar o cara ir, só porque ele é do teu lado, ou do meu lado? Se alguém do meu lado pedir também ganharia, se ele vai ter um projeto para a ESEF, tem que ir”.

E.O. – Se tu mandasse um professor da ESEF viajar, era importante para a ESEF. É o crescimento da ESEF. Então, eu acho que foi uma coisa muito clara para mim e para o Paulo. Várias vezes a gente conversava. Eu dizia para ele: “Na próxima reunião o fulano vai levantar e te atropelar”. Não tinha nem dúvida. E eu dizia: “Calma, tranquilo, respira que tu é o diretor da ESEF, tu tem que ditar a linha dela. Antes de ser o Carioca, tu é o diretor”.

P.O. – Vocês conhecem o Marco Aurélio⁶⁵. Ele veio transferido de Pelotas para a ESEF e ele me pediu para ir para o Canadá. Ninguém pediu para lugar nenhum. “Mas tu vai deixar? A recém ele veio para a ESEF, não fez nada aqui ainda”, “alguém pediu para ir? Ninguém. Ele tem a bolsa de estudo, tem o aceite, tem tudo. Ele vai. Pode ir”. E eles diziam: “Mas ele não fez nada aqui pela Escola e já vai viajar?”, e eu perguntava: “mas alguém quer ir?”. O Marco foi lá e fez mestrado e doutorado. Começou na minha época. Porque eu não vou deixar o cara ir? Porque ele é de Pelotas? É federal também, é a mesma coisa.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

⁶⁴ Cidade Brasileira

⁶⁵ Marco Aurélio Vaz